

Wafer, Jim. *The Taste of Blood: Spirit Possession in Brazilian Candomblé*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1991. 219p

No epílogo de seu livro (em português: *O Sabor de Sangue: Possessão Espiritual no Candomblé Brasileiro*), o australiano Jim Wafer comenta que alguns leitores irão entrar no que ele chama de “o jogo” dos candomblés (p. 181). É com grande prazer que entro nesse jogo, respondendo com uma resenha ao primeiro livro sobre religiões afro-brasileiras que me interessou e incentivou a realizar pesquisas na Bahia.

No livro, Jim Wafer descreve as relações entre os seres humanos e os espíritos no candomblé (p. 178). Suas pesquisas foram realizadas em um subúrbio da Bahia, próximo ao mar, por ele denominado ‘Jaraci’, em ‘Fernando Pessoa’, provavelmente Salvador. Neste bairro localizavam-se seis terreiros, todos chefiados por pais-de-santo (pp. 139-40). Jim Wafer enfatiza a fato de que, em Jaraci, as religiões afro-brasileiras fazem parte da vida cotidiana como ele nunca viu na cidade de Salvador (p. 23). Em Jaraci, pode-se ver os erês, exus e caboclos nas ruas e bares, bem como nos terreiros.

O livro inclui três partes, respectivamente, “Exu”, “Caboclo”, e “Orixá”, embora esta última trate somente dos erês e do orixá Tempo. Jim Wafer justifica que decidiu prestar atenção aos outros espíritos, uma vez que existem numerosos livros sobre os orixás (p. 165). Um dos pontos fortes do livro é tratar os espíritos como seres reais, com quem se tem relações pessoais. Eles são informantes tão importantes quanto os seres humanos. Contudo, nesta resenha, eu gostaria de me aprofundar em dois aspectos do livro: como Jim Wafer relaciona candomblé e resistência, e seu estilo.

Na literatura antropológica, há uma importante tendência que considera candomblé como resistência. Tal postura defende que é no candomblé que os valores e tradições africanas têm sido preservados. Jim Wafer refere-se a esta literatura, porém posicionando-se de forma diferente. Cita Abdias do Nascimento, segundo o qual candomblé é a única religião que não é o ópio do povo (p. 98). Porém, Jim Wafer leva essa idéia numa nova direção, usando a teoria “carnavalesca” de Mikhail Bakhtin. Jim Wafer argumenta que candomblé tem estado em uma relação de carnavalesca com a cultura dominante brasileira (pp. 55-6); porém, em relação às festas “oficiais” dos orixás, as festas dos caboclos seriam também “carnavalescas” (p. 58). As festas dos orixás mudam de “não-

diferenciação” à “individuação”, enquanto as dos caboclos mudam no outra direção (p. 129). Jim Wafer salienta que o mundo dos caboclos é uma utopia onde todos são iguais. Esse mundo é carnavalesco, no sentido bakhtiniano, por celebrar a liberação das hierarquias, subvertendo e brincando com os limites.

Enquanto muitos autores defendem que candomblé é resistência por preservar as tradições africanas, Jim Wafer nos oferece uma perspectiva distinta. Para ele, desafiar e ultrapassar limites, como é feito nas festas dos caboclos, é o que torna candomblé resistência. Ele faz uma crítica aos terreiros que ignoram os caboclos e suas comemorações. Numa das partes mais interessantes do livro, o autor discute sua idéia de que os terreiros que buscam a pureza da tradição africana estão, de fato, limitando suas possibilidades de resistência (pp. 57-8). Ele sugere que esses terreiros, chamados re-africanizados, estejam adaptando-se ao conceito de religião ‘oficial’ defendido pela cultura dominante, e por causa disso seriam na verdade menos tradicionais. Se ‘tradicional’ significa basear-se nos antigos costumes, os terreiros sincréticos talvez sejam mais tradicionais do que os reaficanizados, pois o sincretismo é anterior ao processo de oficialização religiosa (p. 57). Não se pode julgar quais os terreiros mais tradicionais, uma vez que não existe uma autoridade central para estabelecer uma doutrina a ser seguida por todos os candomblés. Segundo o autor, os elementos eliminados pelos terreiros re-africanizados, como os caboclos, exus e coisas de quimbanda, são exatamente os elementos mais carnavalescos. Essa discussão sobre resistência levanta importantes questões para outros pesquisadores.

Para Jim Wafer, candomblé é resistência por desafiar não apenas limites sociais e culturais, mas acima de tudo por explorar a mais importante das fronteiras: aquela entre a vida e a morte (p. 181). Segundo ele, o poder é baseado na ‘objetificação’, ou seja, na transformação de pessoas em objetos sem vontade própria. Na vida social, pessoas são tanto objetos como sujeitos. Depois da morte, porém, pessoas se tornam somente objetos. Através do candomblé, os espíritos continuam a interagir com os vivos, eliminando a possibilidade de uma ‘objetificação’ completa, subvertendo o poder.

Creio que Wafer contribui importantes interpretações do candomblé. Porém, não inclui outros relevantes pontos de vista. Ele sugere, com relação às ‘exuas’ e aos valores convencionais, que valores opostos podem ser vistos como dois lados da mesma moeda (p. 21). No entanto, não aplica esta perspectiva ao considerar os valores dos caboclos e dos orixás como opostos. De um lado da moeda, temos a hierarquia dos orixás e, do

outro, o igualitarismo dos caboclos, o qual chama atenção e reforça a hierarquia dentro dos candomblés. Sob essa perspectiva, o *carnivalesque* de Bahktin não é resistência, mas, de fato, reforça a estrutura social por enfatizá-la. Outro exemplo seria o dos tabus sobre comida e sexo no candomblé. Enquanto os caboclos bebem, comem e flertam muito, os orixás e filhos de santo têm muitas restrições quanto à essas atividades (p. 87). Por serem os opostos dos orixás, os caboclos acabam por enfatizar *aqueles* que já são os mais importantes dentro de candomblé. Desta forma, o candomblé parece não cumprir sua função de resistência, por não romper limites hierárquicos. De fato, é possível que candomblé simbolize as relações clientelísticas, tão comuns no Brasil, através das relações entre pais e filhos-de-santo e entre orixás e seres humanos.

É uma surpresa que Wafer não considere estas possibilidades, uma vez que seu estilo enfatiza a idéia de múltiplas perspectivas. Ele descreve e utiliza o princípio romanesco (*novelistic principle*), como o da resistência, fundamentado na idéia de quebrar limites, misturar discursos (p. 61). O autor defende ser necessário considerar muitas perspectivas para que se possa entender os fenômenos sociais. Isto reflete o que ele, baseado no sociólogo francês Michel Maffesoli, chama “a pluralidade das causas” (p. 105). Por esse motivo, ele apresenta diferentes perspectivas sobre candomblé, incluindo as explicações dos filhos de santo com quem ele trabalhou e aquelas da ciência social.

Esta mistura de perspectivas apresenta pontos fortes e fracos. Wafer considera seriamente as idéias do povo com quem trabalha. Por exemplo, ele descreve incidentes que não pode explicar, como quando a exua Sete Saia quebra garrafas, parecendo crer que foi realmente a exua (p. 40). Além disso, considero que Jim Wafer é honesto sobre questões epistemológicas e ele admite que nenhuma explicação é a verdade final (p. 117).

Porém, seu estilo apresenta alguns problemas. Em sua tentativa de nos conceder muitas perspectivas, ele apela para comparações ilegítimas, como axé e moda, ou axé e bolsa de valores (p. 19). Além disso, inclui material desnecessário, como a descrição de um de seus sonhos (p. 111). Mas a maior fraqueza do livro é que seu estilo impossibilita desvendar o que Jim Wafer realmente pensa sobre a religião do candomblé. Ele trata tanto o candomblé e sua interpretação do mesmo como um ‘jogo’, ao qual me referi no início desta resenha. Isso traz dois problemas. Em primeiro lugar, tratar candomblé como jogo nega sua natureza essencialmente séria, referida pelo próprio autor. A manutenção dos segredos, por exemplo, pode ter uma importância de vida ou morte (p. 110). Em segundo lugar, e

talvez ainda mais importante, ele não fala sobre os limites desse jogo, quais fronteiras podem ser quebradas ou não. Por outro lado, Jim Wafer é um etnógrafo bastante bom, e nos dá suficientes informações para que possamos ver os limites de seu próprio livro.¹

Eric Paul Rice
Johns Hopkins University
Departamento de Antropologia

¹ Ciane Fernandes colaborou com a tradução e revisão deste texto.